

## Discursos sobre o nordeste: “Morte e vida severina, 60 anos depois”<sup>1</sup>

Paulo César Pedroza MARQUES<sup>2</sup>

Lorena Santiago SIMAS<sup>3</sup>

Josemar MARTINS<sup>4</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### Resumo

Este artigo tem como objetivo problematizar o processo de construção imagético-discursiva do nordeste a partir da análise crítica do discurso do documentário “Morte e vida severina, 60 anos depois” (2015). Para isso, buscamos na obra do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, os elementos básicos para refletir sobre as inúmeras imagens do nordeste e do nordestino, que comumente são difundidas através da literatura, do cinema, das artes plásticas etc. O documentário em análise propõe uma releitura do clássico poema “Morte e vida severina” (1955), do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto.

**Palavras-chave:** nordeste; Morte e vida severina, 60 anos depois; análise crítica do discurso; representação.

### 1 Apresentação

O sertão nordestino foi cenário para muitos clássicos da literatura brasileira, principalmente aqueles cujas temáticas recorrentes eram a seca, a fome e a miséria, que assolavam a região. A geração regionalista de 1930 (segunda geração modernista) contribuiu de forma decisiva para perpetuar essa imagem de um sertão seco e improdutivo. Obras como “O Quinze” (1930), de Rachel de Queiroz, e “Vidas secas” (1938), de Graciliano Ramos, são exemplos dessa fase. Já o poema “Morte e vida severina”, de João Cabral de Melo Neto, embora esteja situado na geração de 1945 (também conhecida como terceira geração modernista, ou pós-modernismo), continuou a retratar a região recorrendo aos mesmos estereótipos da terra improdutivo e do nordestino flagelado.

No documentário “Morte e vida Severina, 60 anos depois”, os diretores Cristina Aragão e Gerson Camarotti, propõem uma releitura do poema de João Cabral de Melo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia e mestrando do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da UNEB, e-mail: [paulopedroza@gmail.com](mailto:paulopedroza@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da UNEB, bolsista da Fapesb, e-mail: [lory-santiago@hotmail.com](mailto:lory-santiago@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador. Professor do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da UNEB, e-mail: [pinzoh@hotmail.com](mailto:pinzoh@hotmail.com).

Neto, 60 anos depois da sua primeira publicação, em 1955. Será que as paisagens do sertão e do sertanejo, poeticamente descritas por João Cabral, sofreram muitas modificações? Quem é o sertanejo de hoje? Ele ainda foge da seca e da fome, como nos relata o poema? São esses e outros questionamentos que nos são suscitados ao assistir o documentário, o qual busca refazer o trajeto percorrido pelo personagem migrante Severino, que sai do sertão pernambucano, fugindo da seca, passa pela zona da mata, até chegar à capital, Recife-PE.

A equipe da Globo News, idealizadora do projeto, tendo à sua frente o jornalista pernambucano Gerson Camarotti, percorreu mais de 1,4 mil km no estado de Pernambuco, procurando revisitar cenários retratados no poema. Os estereótipos da terra improdutiva, do povo pobre e faminto persistem nessa releitura audiovisual? As construções imagético-discursivas de 1955 se repetem em 2015? Essas são algumas perguntas que procuramos problematizar ao longo deste artigo.

Nesse sentido, a obra “A invenção do nordeste e outras artes” (2011), além de distintas produções do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, nortearão a discussão aqui proposta. A escolha de trabalhar fundamentalmente com esse autor se deve, sobretudo, à relevância da sua pesquisa, a qual busca compreender como e quando se formou o que hoje conhecemos por nordeste brasileiro. Para Albuquerque Júnior (2011), o nordeste é uma construção imagético-discursiva gestada ao longo da história.

## **2 Discursos sobre o nordeste**

São vários os discursos sobre o nordeste e os nordestinos: nordeste da seca; do povo migrante; dos analfabetos; dos preguiçosos e famintos. Esses estereótipos são frequentemente utilizados para caracterizar a região e aqueles que nela vivem, persistindo na literatura, no cinema, nas telenovelas e até mesmo nos discursos dos próprios nordestinos, os quais, muitas vezes, recorrem às figuras pitorescas dos coronéis, jagunços, cangaceiros, matutos e analfabetos para reafirmar uma suposta “identidade nordestina”.

Segundo Albuquerque Júnior (2011), grande parte desse imaginário popular sobre o nordeste foi sendo construído ao longo da história, através da literatura, do cinema e das artes. Para o autor, a região é uma invenção recente, resultado de uma série de construções imagético-discursivas, as quais foram criadas para conter o processo de desterritorialização dos seus grupos sociais. Tais construções promovem um “apagamento” da região enquanto território diverso, rico em variedades naturais, culturais e econômicas.

Na literatura, personagens como Fabiano e a cachorra Baleia, do clássico “Vidas secas” (1938) até hoje povoam o imaginário do “ser nordestino”. Na pintura, as telas de Candido Portinari, a exemplo de “Retirantes” (1944) e “Menino Morto” (1944), marcam as artes visuais dos anos 1940 e contribuem para reforçar a imagem do indivíduo sobrevivente. Outrora, o nordeste ganha tons menos tristes, porém não menos estereotipados, através de algumas obras do escritor baiano Jorge Amado, dando à região “uma visibilidade que enfatiza o pitoresco e o sensual”, sobretudo quando constrói uma “visão naturalista da Bahia, centrada em seu aspecto exótico, tropical, com destaque para o calor, a brisa, as palmeiras, os barquinhos...” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 244).

A visibilidade e dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribui realidade. Compõem-se de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdade, tomam consistência, criam raízes. São fatos, personagens, imagens, textos, que se tornam arquétipos mitológicos que parecem boiar para além ou para aquém da história, que, no entanto, possuem uma positividade, ao se encarnarem em práticas, em instituições, em subjetividades sociais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 217).

Assim, torna-se compreensível a força dessas imagens no imaginário popular, elas foram construídas através dos mais diversos campos, tendo como base um discurso repetitivo e homogeneizador que se impõe como verdade, e até hoje é utilizado estrategicamente para fins políticos e econômicos. O discurso sobre a seca, por exemplo, continua atual, estando presente na fala de muitas autoridades políticas da região, as quais objetivam angariar recursos e perpetuar práticas clientelistas de governança, comuns em várias cidades do interior nordestino.

Para Albuquerque Júnior, a seca do nordeste também foi uma construção histórica. Em seu artigo “Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do nordeste” (1995), o autor argumenta que esse discurso ganha força, sobretudo, por meio da chamada “grande seca” de 1877 a 1879, que foi assim denominada por vários especialistas naquele período, os quais a classificavam como “a maior seca de todos os tempos”. Esse discurso, na verdade, foi sendo construído intencionalmente pela elite provinciana da época, que não admitia a progressiva perda de espaço no cenário político nacional e o acelerado processo de reorganização do poder, “situação que é agravada pelo descontentamento das camadas populares, atingidas pelas mudanças em curso e pela crise econômica e social” (p.113).

De acordo com o autor, a seca de 1877/79, diferentemente do que afirmava o discurso da época, não era muito diferente de tantas outras que já tinham acometido a região em períodos anteriores. Pelo contrário, “sua duração foi inferior a muitas outras, atingiu uma área menor, não foi intensa, porque ocorreram chuvas esparsas durante o período” (p.112), além de ter um número de vítimas proporcionalmente menor quando comparado à seca de 1825, por exemplo. Dessa forma, a “grande seca” se caracterizou como um discurso construído pelas elites rurais visando manter o poder em meio a um cenário de crise política e econômica que colocava em risco o seu domínio sobre a região.

(...) a seca de 1877 forneceu às elites do Norte um tema que sensibilizou nacionalmente, adquirindo, por seu turno, consciência da arma que tinha em suas mãos. Politizar, pois, a seca, colocando-a no centro das atenções, sobrepô-la a qualquer outro problema da área, tornando-a a temática através da qual se solicita qualquer recurso ou investimento neste espaço, recursos baratos, que viessem como doações, e permitissem a recuperação da economia dessas províncias, passa a ser a estratégia. Falar da seca fazia com que suas vozes fossem novamente ouvidas no plano nacional, o que já não vinha acontecendo com grande intensidade. A seca tornou-se o ‘problema do Norte’ e a explicação para todos os demais problemas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p. 118).

Portanto, com base nos argumentos explicitados por Albuquerque Júnior, é possível perceber que não só a seca de 1877/79, como uma série de outros estereótipos sobre a região nordeste, foram construções históricas, as quais, até hoje, se fazem presentes. A partir da constituição desses discursos, surgiu a representação imagética que muitos indivíduos ainda têm sobre essa localidade.

Para Almeida (2005, p. 41), “as representações estão presentes nos discursos e nas palavras veiculadas, nas mensagens e imagens da mídia, cristalizadas nas condutas e nos arranjos materiais e espaciais”. Dessa forma, percebemos então, que parte da responsabilidade pela solidificação desse perfil nordestino, se deve à comunicação informal e midiática, pois essas são determinantes na construção representativa.

De acordo com Jodelet (2001, p. 29-30), “a comunicação desempenha papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual”. Desse modo, quando a ideia partilhada passa a ser comum à maior parte da população, se torna a representação daquele grupo.

A partir das reflexões expostas por Albuquerque Júnior, que evidenciam determinada representação do nordeste, e fazendo uso da análise crítica do discurso (ACD) – que de acordo com Pinto (1999) “não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra,

pois não é uma interpretação semântica de conteúdo, mas sim em como e por que o diz e mostra”. A perspectiva discursiva analisa ainda, em que perspectivas a relação social de poder se constrói, possibilitando um espaço de formação de olhares diversos sobre o real (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). Nos propomos, dessa forma, a problematizar as imagens que surgem sobre o nordeste e o nordestino no documentário “Morte e vida Severina, 60 anos depois” (2015), uma produção audiovisual recente e rica em elementos para análise.

### **3 Outros discursos: “Morte e vida Severina, 60 anos depois”**

As primeiras imagens do documentário “Morte e vida severina, 60 anos depois” trazem à tona um sertão rural, marcado pelo canto dos pássaros e um amanhecer bonito, alaranjado. Aos poucos, o chão pedregoso, a coroa de frade e o mandacaru, intercalados pelo som de “passadas” na areia, indicam um caminho a percorrer, inicia-se assim a saga de Severino.

O documentário é guiado pela voz de um narrador, que através da leitura do poema, nos referencia sobre o caminhar de Severino. A narração é intercalada por depoimentos de vários sertanejos residentes no sertão pernambucano, zona da mata e capital. Seguindo a lógica do poema, “revisitamos” cenários por onde o Severino de João Cabral de Melo Neto um dia passou.

Em meio à caatinga, em sua fase verdosa, surge o primeiro personagem dessa história, o vaqueiro. Com seu chapéu de couro, gibão e botas, Antônio Santana Filho mostra-se confortável e bem articulado frente às câmeras. O vaqueiro de hoje tem diploma. Sentado junto ao pai, também vaqueiro, Antônio relata com orgulho que conseguiu estudar, formar-se em engenharia agrônômica, e voltar para casa, onde, opcionalmente, ajuda o pai com as criações e na lida com a terra.

Aqui, começamos a perceber um novo discurso, quando comparado àquele produzido pela literatura regionalista de 1930, onde o vaqueiro Fabiano, de Vidas Secas (1938), era posto na condição de animal, vivia na miséria e mal conseguia falar. É perceptível que o discurso sobre a seca vem sofrendo algumas modificações, quando retratado pela mídia, a seca passa a ser compreendida enquanto fenômeno cíclico e natural das regiões semiáridas. O vaqueiro Antônio, por exemplo, ao ser convidado a ler e opinar sobre um dos trechos do poema “Morte e vida severina”, afirma se identificar com o personagem: “Somos severinos pelo fato da nossa persistência em viver aqui no sertão, em

virtude desse clima semiárido, que tem essa dificuldade toda, de período chuvoso e muito mais de seca”. Na sua fala, Antônio demonstra ter consciência que o sertão é uma região de clima semiárido, e que este se caracteriza por períodos chuvosos mais curtos e períodos de estiagem mais longos.

Semelhantemente, o depoimento do agricultor Adão Jesus de Oliveira, é rico em elementos que nos permitem perceber a existência de novas construções discursivas sobre o fenômeno da seca:

“Os sertanejos já estão acostumados, pois as secas vão sempre existir. A gente só precisa aprender a conviver com elas (...). O Sertão tem um período que entra em dormência, a caatinga cai as folhas. Isso é uma estratégia das plantas pra se preparar pra o próximo inverno”.

Durante o depoimento de Adão Jesus, as imagens que aparecem no vídeo também nos permitem inferir que aquele sertão não é o mesmo do Severino, de João Cabral de Melo Neto. A cisterna cheia de água; a secagem do feijão na lona, em frente à casa do agricultor; a caatinga em sua fase verde e as criações de animais são detalhes que contrastam com o sertão seco e improdutivo retratado por João Cabral. Através das imagens e falas, é possível notar que ali existe um trabalho de convivência com o semiárido e educação agroecológica, hipótese que se fortalece ao percebermos a logomarca da ONG Caatinga<sup>4</sup> na camisa do agricultor Adão Jesus.

Ao longo do documentário, a análise dos depoimentos, informa-nos muito sobre as novas configurações sociais desses territórios. O Nordeste da fome e da miséria é lembrado pelos entrevistados como algo do passado. Para eles, a seca existe (é natural), ainda maltrata o sertanejo, mas ele consegue conviver com ela, não sendo mais este o principal motivo da migração para os centros urbanos.

Identificamos ainda, que as falas dos personagens demonstram que uma das expressões da mudança nesse espaço é a própria forma como a linguagem tem se modificado e certas coisas passaram a ser nomeadas de outra forma, uma espécie de nova política de sentido. É nesse solo político-linguístico em que se inscreve a própria palavra ‘convivência’ e a ideia que ela conduz sobre o saber viver com as adversidades presentes na região semiárida. Nesse processo de análise discursiva, é importante lembrar que:

---

<sup>4</sup> A ONG Caatinga, localizada na cidade de Ouricuri, no sertão pernambucano, desenvolve projetos que contribuem para a sustentabilidade dos agroecossistemas locais e de educação agroecológica em parceria com agências internacionais e com programas de Governo Federal. Além de contribuir para a formulação de políticas públicas adequadas e articulação de parcerias para a definição de estratégias e propostas técnicas capazes de dar dignidade às populações do semiárido.

A linguagem está sendo considerada como a codificação de *um potencial de conduta* em um *potencial de significado*; isto é, como um meio de expressar o que o organismo humano *pode fazer*, na interação com outros organismos humanos, transformando-o, por sua vez, no que *pode significar*. O que ele *pode significar* (o sistema semântico) é, por sua vez, codificado no que ele *pode dizer* (o sistema léxico-gramatical, ou gramática e vocabulário). (HALLIDAY, 1978, p. 21 apud NOVODVORSKI, 2008, p.18).

Halliday é enfático ao nos dizer que a língua “se desenvolveu para atender a certas funções sociais”. No decorrer do documentário, a agricultora Isabel Jesus de Oliveira conta que quando criança passou fome no período da seca, mas hoje, com a diversidade de cultura animal e de plantio, quando uma não tem capacidade de se desenvolver naquele momento, devido às condições climáticas, outras culturas vão suprindo as necessidades. Dessa forma, o sertanejo não passa fome, porque já sabe conviver com o período de estiagem.

Dando sequência à narrativa do poema, é recitado um trecho que aborda a mortalidade infantil, problemática frequente nos tempos de Severino. As imagens apresentadas são de pequenas cruzeiras fixadas no chão, que casam com as palavras ditas. Mas, essa realidade de Severino não está presente na atualidade, pois a quantidade de óbitos diminuiu significativamente, depois que a Pastoral da Criança foi implantada na região. Como relata a funcionária pública Emília Costa:

“Não existe mais essa cena, porque a Pastoral da Criança ajudou muitas crianças. Hoje, nós não temos mais o tanto de óbito que a gente tinha antes. Não existe mais isso: essas crianças ‘buchudinha’”.

O documentário também apresenta a força religiosa do povo sertanejo. A benzedeira Dalvina da Silva Lopes se apega aos santos e faz rezas para ajudar os que a procuram, querendo se livrar de alguma enfermidade ou buscando melhorias de vida. O vídeo mostra as imagens de alguns santos, dos quais Dalvina é devota: Padre Cícero, Santo Antônio e Santo Expedito; além de um quadro com o Sagrado Coração de Nossa Senhora e Jesus Cristo. Figuras essas que se destacam, enfatizando a religiosidade do povo nordestino, ainda fortemente ligada à simbologia católica, e recorrente nas construções discursivas sobre este território.

Continuando a trajetória de Severino, chegando à Zona da Mata, o entrevistado é Daniel Oliveira, aposentado que se entristece ao falar do rio que existia ali, mas foi impossibilitado de seguir seu curso, devido à construção de uma barragem. E, ao contrário do que Severino encontrou ao longo do caminho, o rio não transmite mais vida, ele está

morrendo. A estudante Débora Raquel da Silva também se emociona ao falar de um rio que abastece várias cidades, entretanto recebe esgoto de muitas residências. Na imagem apresentada são visíveis os resíduos sólidos, dispersos na água do rio. Água essa utilizada pelos moradores para tomar banho e até mesmo para consumo.

Os pais e avós de Débora sempre trabalharam com o cultivo de cana de açúcar, principalmente na época das grandes usinas (como retratado no poema), porém, hoje, a maioria dessas indústrias fechou, embora o trabalho no canavial ainda seja comum. A garota reconhece a dignidade da profissão, porém não quer seguir os mesmos caminhos de grande parte dos familiares. “É um trabalho muito duro”, diz. Débora deseja continuar estudando, pois sonha em ser médica.

Durante o documentário é perceptível a valorização dos estudos como caminho para a conquista de um futuro menos dolorido do que a lida no campo. Os pais que trabalham com agricultura e corte de cana, esforçam-se para oferecer aos filhos, condições que possibilitem a continuidade dos estudos. O funcionário público Elex Miguel Adão, também é um exemplo, ele trabalhou durante um período da sua adolescência no canavial, mas foi incentivado pelos pais a investir nos estudos. No período escolar, ele caminhava 14km por dia para poder assistir às aulas, e hoje, possui dois vínculos empregatícios, conquistados através de concurso público.

Chegando à cidade de Recife-PE, as imagens mostram um mar extenso, grandes prédios e um cemitério, por onde o personagem Severino também passou. E enfim, aproximando-se do rio Capibaribe, encontra-se o mesmo cenário descrito pelo personagem no poema: “Essa gente do sertão, que vai para o litoral sem razão, fica vivendo num lamaçal”. No vídeo são expostas imagens do rio repleto de lixo, móveis velhos, insetos e casas suspensas por estacas (palafitas), onde pessoas convivem diariamente com aquela paisagem de abandono. A estudante Milena Pereira de Sousa, moradora de uma dessas casas improvisadas, reconhece que ali, ainda existe muita coisa do que João Cabral de Melo Neto escreveu há 60 anos. A menina pretende continuar os estudos, fazer faculdade de Designer de interiores, e um dia sair daquele lugar.

Os pescadores do rio Capibaribe, que antes conseguiam capturar muitos peixes, hoje não têm a possibilidade de realizar seu trabalho devido à poluição dos esgotos industriais e residenciais, que são jogados no rio. Fábio Romão da Silva destaca ainda que não existem políticas públicas eficientes, quando a questão é o meio ambiente, e o resultado será a morte do rio.

A telefonista Maria Gevoneide Gomes, que também mora na capital pernambucana, deixou o sertão fugindo da seca quando ainda era adolescente, e relata que quase morreu embaixo de tanta água, no período de chuvas fortes em Recife.

“Quando eu cheguei, que vi a água entrando nas casas, eu chorava muito. Eu dizia: ‘Meu Deus, como é que eu vou criar meus filhos aqui? (Maria estava grávida) Eu vim de lá, (sertão) que era uma seca, e vim pra aqui morrer n’água.”

Ela conta que também passou fome na cidade, mas lutou em busca de melhorias e atualmente tem sua casa, os filhos estudando e um bom emprego.

Dessa forma, percebemos que o documentário trouxe várias visões sobre o nordeste e o nordestino, mesmo através do recorte dado ao estado pernambucano com suas sub-regiões (sertão, zona da mata e litoral). Seguindo os passos de Severino, deparamo-nos com um território diverso em paisagens naturais e socioeconômicas, onde estar no sertão, na zona da mata, ou no litoral, não é determinante para o sucesso ou insucesso na vida. Em todos os lugares é preciso lutar diariamente por aquilo que se acredita, em busca de crescimento e melhorias.

A análise nos permitiu, através das imagens e falas do documentário, perceber que a desigualdade social e a problemática ambiental ainda persistem e se agravam nos grandes centros urbanos. Semelhantemente, o destino de muitos imigrantes das cidades do interior e das zonas rurais continua sendo o mesmo: as periferias urbanas, entregues ao descaso do poder público e vivendo em condições subumanas. Palafitas, casebres, rios poluídos, lixo descartado inconscientemente são os novos e velhos dramas vivenciados por muitos daqueles que, assim como Severino, deixaram a terra natal em busca de melhores condições de vida nas capitais.

### **Considerações finais**

A partir da análise crítica do discurso sobre o documentário “Morte e vida severina: 60 anos depois”, evidencia-se que esse audiovisual consegue fugir de muitos estereótipos que representam o nordeste e o nordestino no imaginário da maioria das pessoas. Embora ainda recorra imagetivamente ao discurso repetitivo de um sertão de morte e fé católica, através das várias imagens de pequenos cemitérios em áreas rurais e dos altares com santos, a narrativa construída consegue apresentar um sertão de vida, de possibilidades. Lugar onde é possível conviver com as adversidades da seca, que agora é compreendida enquanto

fenômeno cíclico e natural. Uma gente que percebe quando é preciso se adaptar e mudar os costumes. População que acredita no potencial transformador da educação, e valoriza os estudos dos filhos. Gente que almeja melhorar de vida, mas para isso não precisa abandonar a terra natal.

Evidencia também, que, muitas vezes, o urbano não é melhor que o rural, como se convencionou pensar. O documentário mostra que na cidade também existe dificuldade, fome e pobreza, como em qualquer outro lugar, e que a vida no sertão rural tem sido bem menos sofrida do que aquela dos moradores da capital, que vivem nas margens poluídas do rio Capibaribe, onde a água, apesar de abundante, é imprópria para o consumo.

O documentário mostra que, algumas situações apresentadas no poema, de João Cabral de Melo Neto, escrito há 60 anos, mudaram, como a relação dos moradores com a seca; a valorização dos estudos e o aumento das oportunidades no campo e nas pequenas cidades; a mortalidade infantil; a busca por alternativas no período de estiagem, sem a necessidade de abandonar o sertão. Porém, outros dramas continuam a existir ou até mesmo se agravaram, como o descuido com o meio ambiente: os rios, que são fonte de vida, continuam sendo poluídos, pelos mesmos que dele necessitam.

A construção imagético-discursiva do documentário nos mostra um nordeste que não parou no tempo, os desafios da vida moderna também chegaram às áreas rurais, espaço onde tradição e modernidade convivem lado a lado. O sertão do canto dos pássaros e da tranquilidade é também o sertão das motocicletas, celulares e tablets. As imagens nos revelam novas configurações sociais: o sertanejo ainda migra, mas não é a seca o principal motivo; as viagens em pau-de-arara deram lugar ao avião; as cartas, responsáveis por aliviar a saudade dos familiares, deram lugar à comunicação via WhatsApp. Os dramas se reconfiguraram, e não são mais tão locais como se dizia.

## Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. "Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste". In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 15, nº 28, pp. 111-120; 1995.

ALMEIDA, Geraldo José de. As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In: **Diálogos com a teoria da representação social**/ Maria de Fátima Souza Santos, Leda Maria de Almeida-organizadoras. Ed Universitária da UFPE, 2005.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Language as social semiotic**. Arnold: London, 1978 apud NOVODVORSKI, Ariel. A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico. 2008.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

**MORTE e vida severina: 60 anos depois**. Direção: Cristina Aragão; Gerson Camarotti. Produção: Murilo Salviano. Globo News. São Paulo-SP, 2015.

PINTO, Milto José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discurso. Hacker editores, 1999.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. In: **Alea Estudos Neolatinos**, vol.7, n 2. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2005000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000200010). Acesso em: 20 mai. 2016.